

## **A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DA LAPA FRENTE AO PROCESSO DE “REVITALIZAÇÃO” DESTE LUGAR**

**Aluno: Gustavo Godinho Benedito**

**Orientador: Álvaro Ferreira**

### **Introdução**

A transformação da paisagem da Lapa é tomada aqui como âncora para a compreensão do processo de “revitalização” que se realiza neste lugar. Ao estudarmos a relação entre forma e processo [1], compreenderemos o nexos entre materialidade e imaterialidade, sendo a transformação da paisagem nesse contexto uma ferramenta que nos ajuda na interpretação de formas e funções que se engendram no espaço.

Aliada a tal relação (entre forma e processo), a compreensão das distintas formas de apropriação do espaço tem muito a nos ensinar, sendo os usos do espaço potentes transformadores da paisagem. Em interação com os usos, as formas do lugar devem ser estudadas como explanadoras e condicionantes do processo que está em curso na Lapa, uma vez sendo a afirmação do passado no presente, através da produção de um simulacro, um tópico essencial ao estudo da produção simbólica do lugar, condicionante de usos [2], que, como dito acima, estão interagindo com as formas da Lapa.

### **Objetivo**

Sendo o espaço interpretado como mercadoria, a compreensão da transformação da paisagem do lugar frente ao processo de extermínio dos espaços improdutivos que se observa na cidade do Rio de Janeiro é vista como uma reflexão que sustenta o objetivo específico do presente trabalho, a descoberta de resistências ao processo de realização devoradora e camuflada do capital no lugar. Devoradora pois digere fragmentando o espaço, criando usos distintos voltados à reprodução do capital e “revitalizando” o lugar. Camuflada porque tenta naturalizar os processos contraditórios que se realizam no espaço.

Questionamo-nos então: como estão se dando os usos no lugar, sendo a Lapa historicamente consagrada como centro da boemia carioca? Existe algum “espaço alternativo” ao dominante, ou seja, resistências aos novos usos que são observados? A que ponto podemos dizer que são “alternativos”? E como os agentes dessa “revitalização” camuflam os processos conflitantes existentes? Quais relações existentes entre novos usos do lugar e a paisagem do lugar? Ocorreram modificações na estética da Lapa?

### **Metodologia**

O diálogo entre empiria e teoria é fundamental para a compreensão da relação entre forma e processo, tanto quanto o significado dos novos usos. Esses, tomada a noção de espaço social para a compreensão do processo de revitalização e suas consequências no cotidiano do lugar, são compreendidos estudando o espaço enquanto contradição entre produtivo e improdutivo. A questão da supremacia do valor-de-troca sobre o valor-de-uso é tomada como base para a compreensão do espaço enquanto mercadoria.

Assim, levantamentos bibliográficos nos auxiliam na composição teórico-conceitual e a empiria na observação da realidade e da reatualização do presente enquanto afirmação do passado, ponto chave para a genealogia do processo de “revitalização” da Lapa. Esse é o diálogo proposto aqui.

### **Conclusões**

Ao observarmos a Lapa, percebemos que as formas foram transformadas para uma maior agregação de valor ao lugar, um espaço agora mais ordenado, “seguro e limpo” segundo um de seus moradores. Por outro lado, foram mantidas com características das formas do passado, sendo a negação do presente uma estratégia na produção de um simulacro.

Somente estudando o estímulo a novos usos engendrados em uma parceria público-privada, percebemos a produção simbólica do lugar em consonância com a transformação das formas da Lapa, sendo essas geradas para o estabelecimento de usos voltados à reprodução do capital no lugar. Com isso, a perda da espontaneidade e do ócio é notória, sendo as resistências à produção de um espaço voltado estritamente ao negócio caracterizada aqui como pouco relevante, visto a dificuldade de as mesmas se estabelecerem frente à coerção realizada pela força policial nos espaços públicos, no caso, identificados como espaços potenciais às resistências.

Nesse caso tanto os consumidores (em geral jovens que transitavam livremente pelo espaço consumindo drogas lícitas e ilícitas, jogando capoeira, tocando instrumentos musicais ou mesmo interagindo uns com os outros) quanto vendedores como camelôs e ambulantes, foram coagidos pela força coercitiva policial, que, visto sua eficiência, permite que observemos o lugar e não identifiquemos tão facilmente tais resistências, por mais que existam. E isso de forma muito “natural”, parecendo não haver coerções. Dessa forma, vemos a transformação da apropriação da rua, o lugar de todos, sendo a supervalorização dos espaços privados o cerne da questão da transformação da paisagem e do cotidiano da Lapa.

### **Referências Bibliográficas**

- 1- SANTOS, MILTON. O Espaço Geográfico, um híbrido. In: A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Pg. 89-110.
- 2- EGLER, TAMARA TÂNIA COHEN. Jogos Pan-americanos para um Rio Global. IX Seminário Internacional de la Red Iberoamericana de Investigadores sobre Globalización y Territorio. Bahia Blanca, Argentina. 16-19 de mayo de 2006.